

SILVA, P. R.

[doi.org/10.29327/2194248.5.1-12](https://doi.org/10.29327/2194248.5.1-12)

**A RELAÇÃO FUSIONAL ENTRE O CAMPO VISUAL E TÁTIL NA OBRA *THING AND SPACE: LECTURES OF 1907* DE EDMUND HUSSERL**

*Paulo Ricardo da Silva<sup>1</sup>*

[orcid.org/0000-0001-6790-4790](https://orcid.org/0000-0001-6790-4790)

**RESUMO:** Este trabalho trata de definir a relação entre Campo Visual e Tátil e sua relação com o movimento das coisas em uma orientação oculomotora. A relação entre o visual, tátil e espaço objetivo não pode ser uma relação causal (espacial) ou cognitiva (psicológica), mas sim intencional. Husserl utiliza o termo sensação cinestésica para se referir aos vividos relativos aos movimentos do sujeito perceptivo. O eixo dessa dinâmica se integra na temporalidade e no movimento do sujeito perceptivo. Vê-se que o perfil perceptivo apenas adquire potencial teórico face a um sujeito corpóreo susceptível de ir ao encontro das coisas pelo movimento. Assim, o que é visto e o que é tocado, adjacientemente, combinam-se na coisa para formar uma superfície contínua. A isso, corresponde a possibilidade de falar de duas aparências, a saber, a visual e a tátil. Mas essas duas aparições se interpenetram e coincidem de uma maneira peculiar. Essa interpenetração permite que o material da sensação não apenas seja ordenado por meio de sua própria extensão pré-empírica, que não produziria nenhuma ordenação do material visual com o tátil, mas permite que o visual pareça estar colocado materialmente entre o tátil e o tátil entre o visual.

**PALAVRAS-CHAVES:** Husserl. Visual. Tátil. Cinestésias. Movimento.

**THE FUSIONAL RELATIONSHIP BETWEEN THE VISUAL AND TACTILE  
FIELDS IN *THING AND SPACE: LECTURES OF 1907* BY EDMUND HUSSERL**

**ABSTRACT:** This work deals with defining the relationship between Visual and Tactile Field and its relationship with the movement of things in an oculomotor orientation. The relationship between visual, tactile and objective space cannot be a causal (spatial) or cognitive (psychological) relationship, but an intentional one. Husserl uses the term kinesthetic sensation to refer to experiences related to the perceptive subject's movements. The axis of this dynamic is integrated in the temporality and movement of the perceptive subject. It can be seen that the perceptive profile only acquires theoretical potential in the face of a corporeal subject capable of meeting things through movement. Thus what is seen and what is touched adjacently combine in the thing to form a continuous surface. To this corresponds the possibility of speaking of two appearances, namely the visual and the tactile. But these two apparitions interpenetrate and coincide in a peculiar way. This interpenetration allows the material of

---

<sup>1</sup> Bacharel em Psicologia e Licenciado em Filosofia. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá e Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: pricardo\_psi@hotmail.com

SILVA, P. R.

sensation not only to be ordered through its own pre-empirical extension, which would produce no ordering of the visual material with the tactile, but allows the visual to appear to be placed materially between the tactile and the tactile between the visual.

**KEYWORDS:** Husserl. Visual. Tactile. Kinesthesias. Movement.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe discutir o problema da sensibilidade envolvendo a relação entre os campos visuais e táteis e os conceitos de movimento e de cinestesia. Para tanto, a presente pesquisa se servirá da obra *Ding und Raum: Vorlesungen 1907 (Thing and Space: Lectures of 1907)*, laborioso trabalho marcado por sua complexidade temática e dificuldade técnica em sua terminologia e conceitualidade. Com caráter interpretativo e guardando a proximidade com o enfoque fenomenológico, que o próprio filósofo nos requisita, a tarefa aqui é responder à pergunta: como Husserl relaciona os campos de cinestesia visuais e táteis na obra *Ding und Raum*? Assim, temos como objetivo principal, definir a fusão estabelecida entre campos visuais e táteis, presente no §25: *Visual field and tactile field* do quarto capítulo da seção dois, intitulado “*The constitution of the temporal and spatial extension of the appearance*”, da obra *Thing and Space* (1907). Como objetivos secundários, pretendemos: a) discutir a importância do conceito de cinestesia para explicar a sensação em oposição às explicações de fundo neuroquímicos; b) demonstrar a importância do movimento (*movement*) na apreensão sensível; e c) Explicitar o que Husserl entende por relação entre campos visuais e táteis.

Este trabalho se justifica pelo pequeno número de textos elaborados em português sobre o determinado assunto no âmbito da fenomenologia husserliana envolvendo esta obra. Trata-se de mostrar que o conceito de movimento de sensação foi utilizado de forma mecânica (funcional) pela psicologia e reduzido a complexos de sensações, e ao esquema estímulo-resposta e a mero movimento muscular. Husserl substituiu este conceito pelo de sensações cinestésicas para evitar associações com a psicologia e a psicofísica. Em princípio, as sensações de movimento abrangem os meros movimentos corporais, apreendidos pela sensação visual. No entanto, ele reconhece que a apreensão da unidade de síntese só é possível por meio da fusão do conteúdo visual e do conteúdo tátil; sem tal fusão não há manifestação perceptiva integral.

SILVA, P. R.

Husserl estende, assim, o estudo das sensações ao campo tátil, reconhecendo a particularidade das sensações localizadas no corpo (Cf. CANELA MORALES, 2014, p. 12).

De acordo com Verissimo (2015, p. 141), a percepção da coisa ou os processos relativos às coisas, mesmo aparecendo sob um pano de fundo, é o campo provisório dos estudos husserlianos. Vemos, ouvimos, tocamos, sentimos e degustamos coisas ou suas propriedades. Husserl demonstra-se profundamente insatisfeito com o modelo filosófico clichê de percepção visual em que um observador imóvel poderia confrontar uma série de objetos, como um espectador observando coisas.

Para responder ao problema abordado até aqui, caracterizaremos, preliminarmente, o que e como Husserl compreende a ideia de percepção e de sensação.

No que se refere ao problema da percepção, Husserl desconsidera as disposições psicológicas, bem como as coisas consideradas na vida ordinária. Tome-se como exemplo a percepção de uma casa: o eu empírico daquele que percebe a casa, enquanto objeto físico-geométrico, e a percepção enquanto vivido psicológico não interessam para a análise (Cf. SOKOLOWSKI, 2014, p. 26). O que importa é a essência desta percepção, tal como ela é dada na consciência, o que quer dizer que se tem experiência delas, que há fenômenos da experiência, e a essência da experiência em geral, em seu sentido originário, é o dado fenomenológico fundamental. Portanto, não se trata de abandonar o âmbito transcendente, ou objetivo, mas de evidenciar suas relações com o âmbito imanente ou fenomenológico (VERÍSSIMO, 2015, p. 141).

Para chegar a tal compreensão, Husserl começa por definir a cinestesia como a sensação de movimento corporal envolvido, por exemplo, com o movimentos dos olhos, com os movimentos das mãos e com a locomoção geral do corpo. Com o desenvolvimento de sua filosofia, o fenômeno do corpo assumiu uma importância crescente para Husserl, iniciado em 1907 em *Ding und Raum*. Nesta obra, Edmund Husserl, tenta esclarecer como objetos tridimensionais são constituídos como objetos transcendentem na imanência das experiências e atos intencionais.

Como se sabe, a partir de suas *Investigações Lógicas*, Husserl procurou desenvolver um modelo filosófico capaz de superar a lacuna metodológica entre a ciência natural e a ciência do espírito por meio de uma descrição direta da consciência humana como a intencionalidade. Esta última implica que todo ato de consciência é em correlação com uma significação sempre

SILVA, P. R.

reduzível a uma forma objetiva. Embora o objeto não esteja fisicamente presente ao olhar subjetivo (como acontece, por exemplo, em desejos, memórias, sonhos e assim por diante), a intencionalidade sempre conserva sua estrutura de correlação, desde que, na visão de Husserl, uma consciência não intencional seja simplesmente absurda.

A fenomenologia pretende descrever como o objeto da correlação intencional pode atingir o nível de “evidência”. Para satisfazer esse requisito, mesmo que o objeto intencional não seja necessariamente uma entidade física, ele sempre se mostra em sua objetividade essencial (*Gegenständlichkeit*), isto é, precisamente em estar presente à consciência na forma de visibilidade (Cf. TARDITI, 2015, p. 145).

Considerando esses quesitos, na obra, Husserl faz uma análise da cinestesia, realizando uma passagem da fenomenologia descritiva (iniciada nas *Investigações Lógicas*) para a transcendental, cujo ápice será a obra de 1913, *Ideias diretrizes para uma fenomenologia e uma filosofia fenomenológica puras (Ideias I)*. Nesta obra, a partir do estudo da constituição do espaço, será atribuído ao corpo o início de uma análise que se dará considerando o movimento que será aprofundado como um “corpo animado” que se particulariza através dos “movimentos da sensação”, determinantes para a apreensão da coisa material (Cf. VERISSIMO, 2016, p. 522).

Em *Ding und Raum*, Husserl compreende a sensação de uma forma que vai além de seus contrastes com as operações de sentido, dedicando sua atenção à organização sensorial de dados em campos de sensações. Fluxo de dados que são encontrados em campos de sentido compõem contextos contínuos fornecidos como uma “extensão” pré-empírica. Isso lhe permite destacar outro tipo de “sensação”, que não é nem representativa nem uma sensação puramente sensível como coceira, mas torna o ego consciente de seus próprios movimentos corporais.

## 1 – O MOVIMENTO

Foi precisamente o princípio da redução fenomenológica, trabalhado no texto *Introduction to Logic and Theory of Knowledge, Lectures 1906/07*, que permitiu a Husserl construir, a partir do conceito de sensação de movimento, a sua teoria da constituição do espaço. Ou seja, por meio deste princípio, ele pode libertar o conceito de sensação de movimento de

SILVA, P. R.

todos os pressupostos fisiológicos e anatômicos – isto é, transcendentais –, sem precisar descartar os achados puramente descritivos ligados ao conceito.

O movimento é uma propriedade do corpo, bem como dos objetos. Ele deve ser entendido como fundamento do corpo e como via de acesso à objetivação. Por meio da execução da atividade motora, realiza-se a doação de objetos e a relação do corpo através de seus processos físicos com outros corpos. Na aparência primeira, imediata, a espacialidade é importante, pois se constitui pela orientação relativa do corpo. Por exemplo, o corpo se move para a direita ou para a esquerda, a posição das mãos, olhos, cabeça, pés, etc., varia. Nesta oscilação, é um corpo que oscila entre a variação e o invariável.

Husserl aponta que irá transferir sua análise para a raiz das mudanças nos objetos, a saber, as mudanças cinestésicas. Para ele, é claro, fenomenologicamente, todo objeto espacial é constituído pelo movimento, seja por mudanças na orientação do nosso corpo ou por mudanças ou movimentos da coisa, sobretudo o repouso e o movimento da coisa que nos aparece como inalterado. Se levarmos em conta o movimento ou o repouso do corpo, pode ocorrer o seguinte:

1) se nosso corpo não se move, o campo objetivo permanece inalterado ou permanece completamente em repouso;

2) se nosso corpo se move, então o campo perceptivo muda, de modo que ele se alterará e responderá ao movimento de nosso corpo.

O corpo se constitui pela unidade do objeto, a qual se dá pela unidade da síntese de campos de percepção que se diferem e das manifestações da coisa que apresentam a ocorrência do movimento. Sendo assim, o movimento dos objetos torna-se possível devido ao seu envolvimento com o sistema de orientação do corpo. Em outras palavras, o movimento corporal é a resposta a um estímulo (externo ou interno) que motivará a realização de outro movimento. Através desse movimento motivacional, o corpo irá se constituir como uma doação primordial. O movimento de um corpo “animado”, experimentado como outro a partir de mudanças de orientação — direita-esquerda, acima-abaixo, frente-atrás — no campo visual, descobre outros corpos semelhantes e diferentes. Este corpo é o ponto zero de um plano de coordenadas tridimensionais que está intimamente ligado ao campo sensorial visual (Cf. MACDONALD, 2005, p. 263).

SILVA, P. R.

Cada sensação está inserida nos conjuntos cinestésicos que obedecem aos princípios do tempo fenomenológico. Por isso, cada presença sensível corresponde a uma projeção e a uma realização, visto que as sensações estão relacionadas e associadas entre si em diferentes níveis. Nesta associação, verifica-se que nem todas são iguais, mas que há umas que se exibem mais fortemente que outras. Portanto, o fluxo cinestésico atua mais do que um mero movimento mecânico. Verissimo explicita que:

A temporalidade percorre as análises husserlianas da percepção. Em *Coisa e Espaço*, o tempo aparece fundamentalmente de duas maneiras: como estrutura das sínteses de identificação dos perfis perceptivos e como possibilidade cineticamente motivada. Nas duas é difícil operar a distinção entre a duração e a série perceptiva cinética que a sustenta, ou seja, o movimento. No entrelaço do tempo e do movimento, tem-se uma figuração do sujeito corpóreo da percepção (VERISSIMO, 2015, p. 149).

O fluxo cinestésico é experimentado como uma unidade temporal aberta. Nessa perspectiva, a unidade é mais do que a mera determinação na série de sensações. Por outro lado, a relação funcional entre cinestesia visual e tátil gera um certo grau de reciprocidade funcional não essencial. Por exemplo, a sensação tátil é acompanhada pela imagem de forma recíproca e espontânea. Cada sensação visual corresponde, numa “sequência estética”, a uma sensação tátil diferente da anterior, mas pode acontecer que não haja correspondência tátil para uma imagem visual ou vice-versa.

## **2 – CAMPO VISUAL E CAMPO TÁTIL**

Vimos que Edmund Husserl foi um pensador que considerou seriamente os processos cognitivos envolvidos na experiência humana e na sua capacidade de se mover pelo espaço e, portanto, de conhecer a plenitude dos objetos sólidos. Ele estava profundamente insatisfeito com o modelo filosófico clichê de percepção visual em que um observador imóvel confrontava uma série de objetos, tal como um espectador observando coisas em uma galeria. Husserl argumentou em sua obra de 1907 que, sendo os perceptores agentes móveis corporificados, o espaço objetivo é experimentado por meio do movimento voluntário (Cf. MACDONALD, 2005, p. 258).

Segundo Macdonald (2005, p. 258), Husserl mostrou a existência de sistemas cognitivos de intenções direcionados a objetos reais e sistemas corporais de movimentos cinestésicos

SILVA, P. R.

motivados por essas direções. No nível mais básico, o campo visual, em contraste com o espaço objetivo, se abre através do movimento corporal; o campo visual é constituído por uma multiplicidade de imagens bidimensionais. O movimento em torno de um objeto permite expansões dessas imagens que se comportam como as projeções geométricas de um corpo sobre uma superfície plana. Nessa linha, Husserl realizou reflexivamente uma reconstrução da experiência de um objeto concreto no espaço tridimensional a partir da constituição dos estratos estratificados de um campo visual bidimensional, aliada à orquestração de movimentos corporais.

A fim de realizar investigações mais refinadas das camadas de constituição de uma coisa no espaço, Husserl faz uma distinção entre o campo visual e o espaço “exterior”. O campo visual é a área total na qual os “objetos” visuais aparecem; está limitado por todos os lados pela escuridão além do alcance de seu aparato visual. Quando você move os olhos e a cabeça de um lado para o outro, ou quando move todo o corpo, os “objetos” em seu campo visual parecem se mover, mesmo que o próprio objeto esteja em repouso. Desta forma, no nível mais básico, o campo visual aberto pelos movimentos dos olhos e da cabeça é bidimensional e não tridimensional, embora essas imagens bidimensionais sejam sobre objetos tridimensionais. Os aspectos cointencionados, porém ocultos do objeto, são vistos em uma sucessão contínua conforme a pessoa se move em torno do objeto (ou conforme ele se move em torno do observador); são expansões do mesmo objeto em outros planos bidimensionais interligados (Cf. MACDONALD, 2005, p. 263).

Essas expansões, afirma Husserl, se comportarão como as projeções de um corpo geométrico sobre um plano ou como as imagens coloridas planas da coisa corpórea. Cada uma dessas expansões tem uma relação direta com o ponto de vista do espectador; mudanças nos pontos de vista estão correlacionadas com mudanças determinadas em extensões sensíveis, cada uma das quais compreende outro aspecto da imagem projetada. O *continuum* dessas projeções centrais planas segue o desdobramento dos aspectos uniformes do objeto. O plano central teria que estar localizado de tal forma que toda percepção possível desse objeto pudesse ser projetada. Desta forma, segundo Husserl:

A isso corresponde, no que diz respeito à extensão pré-fenomenal e o preenchimento pré-fenomenico da expansão, eventos paralelos. Por exemplo, a cor pré-empírica em uma aparência de esfera, que se supõe ser a aparência de uma esfera uniformemente amarela, esboça-se, quanto à sua qualidade específica, continuamente e sem saltos,

SILVA, P. R.

sem descontinuidades. Se a esfera é dividida em campos, preenchidos com cores diferentes e amplamente separadas, então encontramos na aparência linhas de fronteira pré-fenomenais, que são linhas de descontinuidade. Nessas linhas, uma cor salta para uma cor distante. O caso do revestimento uniforme pode, portanto, contar como um caso-limite de continuidade: a cor passa para a cor sem salto, sem alteração. A cor passa continuamente em si mesma, em oposição aos casos de sombra contínua em nuances sempre novas da qualidade específica, aquelas que não se destacam em relevo, mas ao contrário passam umas nas outras sem interrupção (HUSSERL, 1997, p. 58, Tradução Nossa).

Desta forma, para melhor entendimento da perspectiva deste trabalho, pretendemos analisar os principais aspectos dos parágrafos 19 ao 25 que constituem o quarto capítulo da segunda seção denominado de *the constitution of the temporal and spatial extension of the appearance*, e que fundamentam e edificam o parágrafo 25.

No parágrafo 19, Husserl argumenta que toda percepção, necessariamente, pertence a um nexos perceptivo, conectando-a com outras percepções do objeto e proporcionando unidade em ambos os lados da correlação perceptiva. Husserl aponta o fato de que a extensão temporal pertence à essência de toda percepção. Há sempre a possibilidade de dividir uma experiência perceptiva em andamento em fases temporais. No entanto, no contexto da redução fenomenológica, diz Husserl, não devemos pensar nessa extensão e divisibilidade temporal em termos de tempo objetivo, por exemplo, como envolvendo intervalos de tempo de um minuto, ou cinco minutos, e assim por diante. Em vez disso, estamos falando da temporalidade pré-empírica, não dá temporalidade fenomenal que pertence, ao lado dos objetos, da correlação perceptiva e é atribuída aos objetos. Tal temporalidade tem a ver com as sensações ou, como ele também as chama, extensão temporal.

De fato, o mesmo acontece com todas as formas pertencentes às sensações. Tal temporalidade pré-fenomenal também caracteriza as apreensões, na medida em que sua fragmentação resultará na fragmentação dos raios da apreensão. Deste modo:

Em toda percepção das coisas encontramos, portanto, um todo pré-fenomenal, que, no sentido da temporalidade pré-fenomenal, é novamente divisível em percepções. A percepção pode ser fragmentada em percepções. A percepção de uma coisa, embora seja uma unidade ininterrupta, é uma unidade contínua de pedaços de percepção, fases de percepção, que têm elas mesmas o caráter de percepções e, portanto, contêm em si todos os momentos que distinguimos na percepção (HUSSERL, 1997, p. 52, Tradução Nossa).

De outro lado da correlação perceptiva, a coisa tem seu tempo: ela se estende por esse tempo e o preenche. Portanto, o tempo pode ser considerado como um tipo de forma, com o

SILVA, P. R.

conteúdo da coisa correspondendo ao seu preenchimento. Tudo nos parece estender-se temporalmente e preencher o tempo. Husserl expande ainda mais ao afirmar que a essência da percepção concreta é precisamente trazer à aparência uma coisa estendida temporalmente. Na medida em que o tempo é uma forma, diz Husserl, ele investe o que é formado de uma unidade, o que é, aliás, uma unidade ordenada. Do mesmo modo, a forma temporal da percepção dá unidade ao conteúdo da sensação como uma série contínua e, também, às fases consecutivas da apreensão. A percepção é, portanto, necessariamente, em qualquer momento, uma unidade contínua e é como tal que é fragmentável.

No parágrafo 20, Husserl passa a fazer uma distinção entre o que ele chama de matéria primária (ou matéria prima) e matéria secundária (ou matéria secunda) das aparências. Assim, há, por um lado, a estrutura corporal e, por outro, as determinações visuais e táteis que recobrem e preenchem o espaço. Essas são as questões primárias que Husserl contrasta, por exemplo, com qualidades acústicas. As qualidades acústicas estão relacionadas a um objeto e pertencem a ele, mas não preenchem o objeto da mesma forma que as primárias, nem preenchem o espaço. Para ver isso, ele nos convida a considerar a maneira como o som de um violino se relaciona com um violino. A extensão corpórea do violino se materializa através da matéria primária, e é então que outras qualidades ou determinações se agregam a ela constituindo a matéria secundária. Como exemplo, podemos citar as qualidades acústicas do som que o violino produz. Nós o veremos fazendo algum uso dessa distinção nas próximas discussões, particularmente quando ele discute aspectos da matéria primária.

Ele acrescenta que poderíamos, de fato, distinguir entre qualidades primárias e secundárias. Esclarece ainda que ao fazer a distinção não quer dizer que a matéria secundária não esteja de forma alguma relacionada ao espaço. Em vez disso, seu ponto é que está relacionado ao espaço de uma maneira peculiar. Por exemplo, um som emana de um violino e depois irradia ou migra pelo espaço, preenchendo-o na medida em que pode ser ouvido em qualquer lugar da sala de concertos. No entanto, não se pode dizer que cobre todo aquele espaço da mesma forma que a cor cobre o violino.

No parágrafo 21, Husserl analisa a matéria primária e retoma o interessante tópico de como a cor, ao preencher o espaço, traz à tona todas as continuidades e descontinuidades espaciais, sendo, de fato, necessária para isso. Ele argumenta que os dados de cores não ocorrem de forma dispersa e desconexa, mas possuem uma unidade, na forma de uma espacialidade pré-

SILVA, P. R.

fenomenal. Tal espacialidade é constituída, em parte, por aparências próprias e, em parte, por aparências impróprias, podendo ser assim fragmentada de várias maneiras. Nesse sentido, é possível que a fragmentação ocorra apenas no domínio próprio ou apenas no domínio impróprio. Acrescenta ainda que as determinações materializantes podem preencher o espaço de forma contínua ou discreta, esclarecendo que por preenchimento discreto se entende um preenchimento contínuo salvo certos limites espaciais, tais como pontos, linhas ou superfícies onde a determinação dá um salto. Ele não tem em mente aqui uma situação em que uma cor dá lugar a uma cor diferente, por exemplo, quando o vermelho dá lugar ao verde, mas, em vez disso, uma situação na qual uma cor próxima aparece como um salto para uma cor distante, introduzindo uma descontinuidade espacial.

Ele distingue entre a continuidade que pertence à extensão espacial como tal e a continuidade que pertence às próprias determinações de preenchimento. Com relação às descontinuidades nas determinações de preenchimento, ele aponta que qualquer análise satisfatória precisaria levar em conta aspectos de cor, como saturação, matiz e radiância, e suas diferenças. Nas palavras de Husserl:

1) A continuidade que pertence à extensão espacial como tal e que vem à consciência em nós mais claramente como um momento imanente quando permitimos que o imutável se transforme em mudança, por exemplo, na migração contínua de uma descontinuidade qualitativa sobre uma extensão preenchida unitariamente em tal e tal maneira. Passamos continuamente de ponto a ponto, de linha a linha. 2) A continuidade das próprias determinações de preenchimento, por exemplo, o fluir de qualidade em qualidade, talvez na transição do vermelho através do roxo para o violeta. As determinações de enchimento têm - digamos pelo menos de passagem - vários aspectos susceptíveis de uma continuidade, o aspecto de qualidade em sentido estrito, o aspecto de intensidade, ou, no caso de determinações de cor, o aspecto de saturação, brilho, etc (HUSSERL, 1997, p. 59, Tradução Nossa).

No parágrafo 22, Husserl argumenta que a distinção entre aparência própria e imprópria se cruza com diferentes estratos primários da matéria. Mais particularmente, ele tem em mente os distintos estratos de matéria primária visual e tátil. Ele argumenta que uma coisa tem necessariamente uma estrutura espacial unitária à qual todos os diferentes preenchimentos devem pertencer. Assim, diferentes cores devem fundir-se na unidade da coloração e diferentes determinações táteis também devem fundir-se em uma unidade de qualidades táteis.

Além disso, as determinações anexas também devem se fundir em uma unidade, na medida em que estão ligadas a preenchimentos primários. A unidade da coisa deve implicar

SILVA, P. R.

também uma unidade entre as diferentes determinações, de modo a unificar as qualidades visuais e táteis.

No entanto, ele nos adverte que no reino pré-empírico não devemos nos apressar em reafirmar o mesmo. Não podemos simplesmente afirmar a identidade do momento da cor com o momento do toque considerando sua distribuição. Para ilustrar esse ponto, ele invoca o exemplo de um papel branco sobre a mesa: podemos colocar a mão sobre ele e tocá-lo, cobrindo também a parte que fica sob a mão. Assim, existem diferentes preenchimentos que são misturados de tal forma que pertencem às mesmas partes da superfície. Ele diz que a cobertura visual se sobrepõe à tátil, mas não no que diz respeito à aparência propriamente dita. Assim:

A descrição correta é a seguinte: às partes vistas da parte frontal da coisa corresponde uma extensão visual contínua da sensação. Onde a mão que toca cobre a coisa, não há quebra na extensão visual; ele funciona continuamente. Uma peça coerente de extensão visual está no meio e pertence à apreensão, “mão que se toca”. A apreensão da coisa, em nosso exemplo a apreensão do papel branco, permite que o papel passe “sob a mão que toca” e seja “oculto” por ela, e assim a parte frontal que aparece da coisa não tem lacunas visuais, mas apenas lacunas na sensação pertinente e na aparência própria, e essas lacunas são preenchidas precisamente pelo que chamamos de aparência imprópria. Eu disse “aparente”: isto é, pertencente à coisa. Pois a cor pré-empírica e a extensão da cor, que seguem sem intervalo, pertencem, como foi dito anteriormente a respeito de uma parte coesa, à constituição da “mão que toca” (HUSSERL, 1997, p. 64. Tradução Nossa).

Sendo assim, a aparência própria tátil pertence à parte que é coberta pela mão, enquanto a aparência própria visual é limitada precisamente à parte que a mão deixa aberta à vista. Com base nessa consideração, ele tira a conclusão geral de que a distinção entre aparência própria e imprópria se cruza com a distinção entre os diferentes estratos, visual e tátil, da matéria primária. Assim, a aparência imprópria decompõe-se em dois aspectos: por um lado, há uma aparência imprópria da qual podemos falar em relação às partes do objeto que não chegam de modo algum à aparência adequada e, por outro lado, há outro tipo de aparência imprópria que pertence às partes do objeto que adquirem aparência adequada visualmente, mas não tatilmente, ou vice-versa.

Esses dois tipos de impropriedade tendem a diferir significativamente em clareza, observa Husserl. Assim, por exemplo, a aspereza da parte da frente de um objeto é dada indevidamente, mas com muito mais clareza, ou determinação, do que a parte de trás.

Ele enfatiza que essas diferenças de clareza não devem ser explicadas em termos de fantasia ou como dependentes de fantasias. Logo, na medida em que fala sobre a estrutura visual

SILVA, P. R.

e tátil da matéria primária, ele diz que os estratos visual e tátil não são fechados em si mesmos e montados um sobre o outro, mas, ao contrário, se interpenetram em virtude da identidade do espaço corpóreo.

No entanto, no que diz respeito ao lado da experiência, ele reafirma que existe uma extensão pré-fenômênica às sensações visuais e às sensações táteis, mas não podemos dizer que essas duas extensões pré-fenômênicas tenham algo a ver uma com a outra na medida em que não se combinam para formar uma unidade no conteúdo real da experiência. No entanto, a extensão visual e tátil combina-se de tal forma que do ponto de vista visual não há lacuna na experiência do papel onde a mão repousa, pois as lacunas são preenchidas por aparências impróprias.

Concluindo, ele observa que, em certo sentido, a percepção do papel branco, em nosso exemplo, é uma percepção dupla e, em certo sentido, não é. Por um lado, há uma unidade ininterrupta de sensação e apreensão na qual a coisa é constituída, mas, por outro lado, há estruturas verdadeiramente autocorrentes nessa unidade, uma correspondendo ao visual e a outra ao tátil – embora, em última análise, os dois sejam, é claro, a mesma coisa. Do lado da aparência, pode-se falar em duas aparências, a visual e a tátil. No entanto, essas duas aparências se interpenetram de tal maneira que se obtém uma espécie de ordenamento mútuo por meio da apreensão.

No parágrafo 23, Husserl revisita brevemente a distinção entre matéria primária e secundária em relação à aparência própria, argumentando que as duas juntas nos permitem determinar completamente o lado aparente do objeto. Ele levanta a questão de saber se as determinações anexas também têm lados.

Ao refletir sobre essa questão, ele considera a ideia de que algumas determinações secundárias também podem estar envolvidas no preenchimento do espaço corporal, na medida em que poderíamos distinguir matéria primária de matéria secundária não pelo apelo ao preenchimento em geral, mas pelo apelo ao preenchimento constitutivo. Ele acredita que as sensações térmicas podem ser relevantes para considerar essa distinção. Assim, o calor e o frio pertencem ao espaço tátil que realmente aparece, transbordando-o. Ele argumenta que, se aceitamos, em certo sentido, que as determinações secundárias ou anexas preenchem o espaço, devemos também aceitar que o conceito de um lado pode ser aplicado a elas. Mas ele admite que isso deixa casos indecisos de determinações mais frouxamente localizadas.

SILVA, P. R.

Como observa Husserl, o que nos permite distinguir-nos de nosso ambiente é a experiência do autotoque. Quando toco outros objetos, não sinto que sejam tocados. Tocando-me, porém, não sinto apenas a carne que toco, sinto também que ela é tocada. O autotoque marca, assim, minha carne como minha. Qual é o sentido da carne que ela distingue? É, segundo Husserl, o de ser fundamental para nossa autoconsciência. Como ele observa, quando toco um objeto, tenho uma “sensação dupla”. Eu não apenas sinto o objeto, eu sinto minhas sensações dele. Assim, sinto tanto “o frio da superfície de uma coisa quanto a sensação de frio no dedo” quando toco um objeto frio. De forma similar, no caso de uma mão apoiada na mesa, a mesma sensação de pressão é ora tomada como uma percepção da superfície da mesa (de uma pequena parte dela, propriamente dita) e, em outro momento, com uma direção de atenção diferente e outro nível de interpretação, resulta em sensações de meus dedos pressionando-o. A diferença, em outras palavras, é uma mudança na interpretação imposta a essas sensações (Cf. MENSCH, 2015, p. 226).

Essa duplicação ainda não é autoconsciência. Para isso, devo me tocar. Quando faço isso, as duas partes do meu corpo têm um funcionamento duplo. Funcionando como um objeto físico, cada parte é, para a outra, uma coisa externa que a toca e trabalha sobre ela. Funcionando como carne, cada uma tem sensações de toque com a possibilidade de tomá-las de maneira dupla. A mão tocada, por exemplo, sente a suavidade, o calor, etc., da mão que a toca como as propriedades de um objeto externo. No entanto, ele também sente suas próprias sensações ao ser tocado. Isso vale para a mão que toca. A mão que toca é sentida como uma coisa externa; ela também sente internamente suas sensações de toque, ou seja, a pressão em seus dedos. Como resultado, cada mão está sentindo a carne e o objeto sentido. Como um objeto sentido, ele tem suas propriedades reais. Como carne sensível, ele tem suas sensações localizadas que se espalham por sua superfície. Cada mão através da outra torna-se, assim, consciente de si mesma como um objeto sensível. Cada um é apreendido como um objeto que, enquanto órgão sensorial, é também um sujeito.

A capacidade da carne de ser tomada tanto como sujeito quanto como objeto confere a ela o caráter especial de sua autoconsciência. Na origem da “distância interior” que caracteriza a dicotomia sujeito-objeto está o fato de que, ao nível do tato, a relação da carne consigo mesma não é direta, mas mediada. Devemos nos tocar para nos apreender tanto como sujeito sensível quanto como objeto sentido (Cf. MENSCH, 2015, p. 227).

SILVA, P. R.

No parágrafo 24, Husserl trata do tema dos “horizontes exteriores”, ou seja, as coisas ambientais entre as quais a coisa particular que está principalmente percebendo é incorporada e contextualizada. Ele argumenta que essa percepção total, ou seja, do objeto privilegiado e seus contextos de coisa, é do mesmo tipo que a percepção do objeto privilegiado. Segundo Husserl, agimos em certo sentido como se o objeto percebido a qualquer momento estivesse sozinho no mundo, mas uma coisa percebida nunca está ali sozinha; em vez disso, está diante de nossos olhos no meio de coisas ambientais determinadas e intuídas.

Husserl chama atenção para o fato de que, por exemplo, uma lâmpada repousa sobre uma mesa no meio de livros, papéis e outras coisas. Além disso, essas coisas ambientais são igualmente percebidas e, portanto, existe um nexos espacial que unifica a coisa especialmente percebida com as coisas co-percebidas. A coisa especialmente percebida e seu espaço se encaixam no espaço mais abrangente, abarcando todas as coisas ao nosso redor. Ele observa ainda que esse conjunto de coisas sempre inclui também o Ego-corpo (*Ichleib*), que também pertence ao espaço da percepção total.

Ele acrescenta que, quando fala de algum objeto selecionado como sendo percebido em um sentido especial ou privilegiado, ele tem em mente um objeto ao qual damos especial atenção. Em contraste, as coisas de fundo não recebem tanta atenção. Uma vez sobre o tema da atenção, ele ainda observa que a atenção não é capaz de efetuar partições entre as coisas: podemos atender a apenas uma parte de uma coisa unitária ou a um conjunto de várias coisas. De fato, ele diz que as considerações que ele invocou anteriormente não são suficientes para explicar como nos concentramos perceptivamente em coisas individuais reais, na medida em que tudo o que ele disse também é compatível com a percepção de conjuntos de coisas distintas e separadas. Assim, seria errado dizer que todas as aparências que estamos tendo em um determinado momento, bem como suas apreensões, apenas se fundem, na medida em que podemos ser apresentados a uma variedade de coisas na aparência total e na apreensão total.

Considerando o que foi tratado acima, demonstraremos a importância do parágrafo 25 para a explicação dos campos visuais e táteis. Fundamentados em conteúdos sensíveis, são o seu componente não intencional, uma vez que permitem o aparecimento do objeto no espaço físico. Tanto o campo visual quanto o tátil possuem dois momentos bem diferenciados: o extensional, que permite a apreensão da figura e do lugar, e o qualitativo, que proporciona a complementação do momento extensional. Sobre o campo visual, diz Husserl:

SILVA, P. R.

Os conteúdos de apresentação da aparência visual total formam um nexos contínuo: nós o chamamos de campo visual. O campo é uma extensão pré-empírica e tem estes ou aqueles determinados preenchimentos visuais. Todas as extensões visuais pré-empíricas, que em todos os casos fornecem a base de apresentação para todas as coisas dadas na mesma percepção total, se encaixam nesse campo como peças; e na apreensão perceptiva, que pertence à própria percepção, cada pedaço do campo visual é, inversamente, representativo de uma coisa ou outra (HUSSERL, 1997, p. 68, Tradução Nossa).

O campo visual é uma extensão pré-empírica, valeria dizer também, uma “extensão protoespacial” que se compõe de proto-sensações visuais (enquanto conteúdos expositivos). Sobre o campo tátil, Husserl argumenta o seguinte:

Naturalmente, isso vale para o outro campo paralelo que é primordialmente constitutivo das coisas. Estou falando do campo tátil. É certo que não é qualquer fragmentação arbitrária dos dois campos que produz, com a correspondente apreensão, uma aparência de coisa. Os campos se dividem de maneira determinada, e somente se tivermos aparências de coisas podemos dizer que dentro delas, por meio de cada fragmentação, há novamente coisas constituídas, isto é, fragmentos de coisas (HUSSERL, 1997, p. 68, Tradução Nossa).

Ambos os campos pré-empíricos têm um caráter “bidimensional”, ou seja, seu correlato noemático são meras superfícies sem nenhum tipo de volume; isso viria dado (junto com a distância, a profundidade e o relevo) com as mudanças de orientação típicas de nossa corporeidade. Tanto o campo visual quanto o campo tátil são essenciais para vivenciar o corpo como corpo (*Leib*), ou seja, vivenciar nosso corpo de forma que ele não seja um mero acúmulo de sensações — mais um corpo que é parte do mundo, mas sim um corpo senciente. Além disso, o campo visual denota a localização do objeto em um campo perceptivo, enquanto o campo tátil o experimenta sensivelmente. Deve-se notar que, embora as sensações táteis estejam localizadas em nosso corpo, isso não implica sua localização pontual, ou seja, seu estabelecimento em um local fixo e particular.

Husserl contrasta os dois com o campo auditivo, apresentando-os como campos primários *versus* campo secundário em sentido a ser esclarecido. Husserl diz que o campo visual é um nexos contínuo formado por conteúdos representacionais da aparência visual total. Como tal, é uma extensão pré-empírica e tem certos preenchimentos visuais determinados. Várias extensões pré-empíricas, que são dadas na mesma percepção total, se encaixam nela como peças, com cada peça sendo uma coisa ou outra de apresentação.

SILVA, P. R.

O campo visual, como campo pré-empírico, é também um campo de lugares e transformações possíveis, o que significa que as alterações oculares cinestésicas são um sistema idealmente fechado de lugares dentro dos quais encontramos qualidade e extensão, ambos determinados pela forma e pela figura que, por sua vez, estão localizadas espacialmente; no entanto, o campo visual, junto com sua ordem fixa de posições, é um campo onde “todas as posições são equivalentes e podem ser trocadas”.

Husserl identifica, ainda, os “níveis de constituição do espaço”. O primeiro deste nível é constituído pelo campo visual ou proto-espaço visual que, sendo um estrato bidimensional e abstrato, não pode ser constituído como o espaço intuitivo. É preciso lembrar que a formação dos complexos integra determinações sensíveis, ou seja, campos sensíveis: o visual e o tátil.

A tarefa de Husserl é estabelecer a correlação essencial (ou seja, invariante) entre as várias cinestésias corporais e as aparentes mudanças de objeto no campo visual. O campo visual, afirma ele, é um sistema de lugares e transformações interiores que “acontecem” de acordo com determinadas características das cinestésias oculomotoras, onde os olhos e/ou a cabeça se movem, bem como o corpo-motor cinestésico que move todo o corpo.

Husserl afirma, com relação ao campo visual, que é primordialmente constitutivo das coisas e passa a afirmar que o mesmo pode ser dito do campo tátil. Esclarece, ainda, que não é qualquer fragmentação desses campos que produzirá uma aparência de coisa. Em vez disso, aparentemente o pré-requisito para isso é que o campo total seja particionado de certas maneiras adequadas e só então cada fragmentação produzirá pedaços de coisas que são, de fato, as mesmas coisas. Além desses dois campos próprios, há também campos em sentido impróprio, como, por exemplo, o campo auditivo, o campo olfativo e o campo das sensações térmicas. Ao apreendermos os dados físicos dessas classes, esses dados não são capazes de constituir espaço e coisas no sentido primário, pois carecem de extensão pré-empírica original. Portanto, propriamente falando, eles não formam campos, ainda que outros modos de fusão lhes sejam próprios deles. Tendo em vista essa distinção, destaca-se que é justamente nos campos primários que as apreensões se acumulam e pertencem.<sup>2</sup>

Já no campo tátil e visual, não é qualquer fragmentação arbitrária dos dois campos que produzem, com a correspondente apreensão, uma aparência de coisa. Os campos se dividem de

---

<sup>2</sup> Husserl admite, aqui, que existem vários problemas em relação a tais apreensões que ele precisa abordar, incluindo, por exemplo, a apreensão do que é dado de forma vazia.

SILVA, P. R.

maneira determinada e somente se tivermos aparências de coisas podemos dizer que dentro delas, por meio de cada fragmentação, há novamente coisas constituídas, isto é, pedaços de coisas.

Desta forma, quando há a união dos sistemas cinestésicos como “movimento ocular”, obtém-se o campo “oculomotor”, cuja orientação é baseada em quatro direções básicas: para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda. Em outras palavras, a constituição da espacialidade é, então, uma integração de diferentes camadas espaciais que, de acordo com diferentes campos perceptivos e sensoriais, se agrupam.

Husserl tentará mostrar como a mudança das imagens dentro do campo visual não depende apenas do movimento do olho, mas também do sistema cinestésico múltiplo. As modificações cinestésicas não afetam apenas uma imagem, mas também o campo visual como um todo. A partir da orientação oculomotora, introduzem-se as coordenadas padrões espaciais que predelineiam mais sistemas de localizações. Estas aplicam-se a todos os pontos, complexos de pontos ou qualquer constelação de imagens visuais a que correspondem séries, distâncias, ordens, etc., de modo a obter-se um sistema objetivo de lugares onde cada ponto representa uma multiplicidade de aparências possíveis. Ora, o campo oculomotor não é um campo que faz as coisas aparecerem, mas sim um campo que as ordena espacialmente (Cf. CANELA MORALES, 2014, p. 13).

Outro problema relacionado, que ele menciona, é como o Ego se constitui como correlato da coisa e do mundo circundante. Ele diz que, a esse respeito, existem problemas paralelos aos relativos à constituição de todos os aspectos do ambiente das coisas como o ambiente espacial, bem como à constituição do ambiente temporal que consiste em diferentes tempos e durações das coisas. Sobre o tema do tempo, ele ainda observa a constituição de um tempo abrangente, concernente não apenas às coisas tomadas isoladamente, mas a todo o mundo ordenado das coisas. Conforme Husserl:

Além disso, é um problema - o problema complementar - como a maravilhosa posição separada do Ego se constitui fenomenologicamente como o centro correlato e referencial da coisa e de todo o mundo circundante. Há um problema paralelo ao do ambiente das coisas como ambiente espacial, isto é, paralelo ao problema da constituição de um espaço total que é co-percebido em toda percepção espacial, na medida em que a coisa percebida, como corpo, aparece residindo nele. Esse problema paralelo é oferecido pelo ambiente temporal e pela constituição do tempo único no qual reside a temporalidade da coisa e na qual sua duração é integrada, assim como a duração de todas as coisas e processos de coisas pertencentes às coisas circundantes. Neste mesmo tempo também se integra o Ego, não só como Ego-Corpo, mas também

236

SILVA, P. R.

de acordo com suas “experiências psíquicas vividas” (HUSSERL, 1997, p. 69, Tradução Nossa).

Assim, para Husserl, a experiência humana ocorre com relação ao próprio corpo do observador e aos ambientes próximos nos quais os objetos têm seu lugar. As coisas que envolvem cada objeto também são co-percebidas; eles também são planejados, embora em uma margem parcialmente obscura como itens de fundo que compreendem o nexos espacial para aquela coisa. Mas o próprio corpo vivo do perceptor também é co-percebido, embora não se diga por meio do perceptor vendo ou tocando seu próprio corpo. Pelo contrário, é pelo ponto de partida, pelo cenário espacial inicial a partir do qual todas as coisas espaciais “tomam seu lugar”. É verdade que um ambiente envolve o objeto perceptível, mas o que o torna um ambiente, em vez de apenas o espaço próximo ao seu redor, é que ele é o mundo mais próximo de um ser consciente. O Ego-corpo, como um corpo, está igualmente no espaço da percepção total. Ele permanece lá como o ponto de referência permanente, ao qual todas as relações espaciais parecem estar ligadas.

## CONCLUSÃO

Após todo o movimento de exposição nesta pesquisa que por ora finaliza, apresentaremos, a seguir, os saldos obtidos dela. Na obra *Ding und Raum*, embora Husserl dê mais ponderação à visão, não implica algum tipo de privilégio sobre outras partes do nosso corpo. Em todo caso, Husserl não fala de “partes do corpo”, mas sim de um “núcleo corporal”. Ele se afasta de uma elucidação mecânica que envolve “estímulos-respostas” musculares para a explicação do campo visual e tátil, dando ênfase aos sistemas cinestésicos. Desta forma, o “movimento ocular” se atém ao campo oculomotor que se orienta pelas direções que são básicas para nós, a saber, cima, baixo, direita e esquerda. Assim, a constituição da compreensão do espaço é uma integração de estratos espaciais diferentes em nossos campos perceptivos e sensoriais agrupados.

A relação entre o visual, o tátil e o espaço objetivo não é causal e objetiva, mas sim intencional. Sendo que um possibilita a apreensão do outro, assim, o campo visual da matéria sensível permite o aparecimento do espaço objetivo e, o espaço objetivo, no campo visual.

O espaço proto-empírico e o espaço objetivo diferem, não sendo homogêneos. Uma vez que cada um possui seu campo perceptivo próprio, o vínculo que se dá entre os dois é

237

SILVA, P. R.

intencional. Sendo assim, a constituição da espacialidade é uma integração de estratos espaciais díspares que se agrupam com diferentes campos perceptivos e sensoriais. Deste modo, os sistemas cinestésicos dos movimentos oculares permitirão diferenciar os movimentos “reais” e o movimento dos olhos que, acoplados aos movimentos da cabeça e juntamente ao corpo, irão permitir a constituição da tridimensionalidade através do campo dimensional.

Portanto, tentamos mostrar que a “coisa”, ainda que possa ser constituída em uma multiplicidade de aparências reais, sempre estará relacionada à cinestesia. A fenomenologia, ao considerar est/a espacialidade, desempenha papel essencial nos campos fenomenológicos do mundo externo, sendo a base da reflexão sobre a objetividade nas investigações de Edmund Husserl. Em *Ding und Raum*, vimos o desenvolvimento reflexivo da fenomenologia da espacialidade como sendo, também, uma fenomenologia da mundanidade, uma vez que desenvolve a estrutura do mundo passando dos seus processos genéticos até sua concretude intuitiva. Desta forma, nossa análise discutiu o aspecto original da composição do campo tátil e visual na corporalidade e como ela se relaciona na constituição dos objetos no espaço.

## REFERÊNCIAS

CANELA MORALES, Luis. Alberto. De las cinestesis oculomotoras al espacio objetivo: la constitucion del espacio tridimensional. In: *Stoa*, vol. 5, n. 9, 2014, pp. 5–18.

MACDONALD, Paul S. Husserl and the Cubists on a Thing in Space. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 36:3, 2005, pp. 258-276.

HUSSERL, Edmund. *Thing and Space: Lectures of 1907*. Springer-science+business media. b.v. 1997.

\_\_\_\_\_. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. São Paulo: Ideias & Letras. 2006.

\_\_\_\_\_. *Introduction to Logic and Theory of Knowledge: Lectures 1906/07*. Trad.: Claire Ortiz Hill. Dordrecht: Springer, 2008.

\_\_\_\_\_. *Investigações lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento*. Trad.: P. M. S. Alves & C. A. Morujão. Rio de Janeiro: Forense, 2015 (v. 2).

\_\_\_\_\_. *Ding und Raum: Vorlesungen 1907*. Ed. Ulrich Claesges. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.

SILVA, P. R.

MACDONALD, Paul S. Husserl and the Cubists on a Thing in Space. In: *Journal of the British Society for Phenomenology*, 36:3, 2005, pp. 258-276.

MENSCH, James. Self-touch and the Perception of the Other. *Phenomenology and the metaphysics of sight*. Edited by Antonio Cimino and Pavlos Kontos. koninklijke brill, leiden 2015.

SOKOLOWSKI, Robert *Introdução à fenomenologia*. Trad.: Alfredo de Oliveira Moraes. 4º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TARDITI, Claudio. Seeing the Invisible: Jean-Luc Marion's Path from Husserl to Saint Paul. *Phenomenology and the metaphysics of sight*. Edited by Antonio Cimino and Pavlos Kontos. 2015.

VERÍSSIMO, Danilo Seretta. Sínteses sem fim: a percepção de objetos segundo Husserl. *Arq. bras. psicol.* [online], vol.67, n.3, 2015, pp. 139-152.

VERÍSSIMO, Danilo Saretta. A teoria husserliana da doação perceptiva por perfis. *Psicologia USP*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, v. 27, n. 3, 2026, pp. 521-530.

WELTON, Donn. Husserl's Genetic Phenomenology of Perception. *Research in Phenomenology*. 12(1), 59-83, 1982.

---

**Informações complementares:**

*Recebido em:* 28 de fevereiro de 2023

*Aprovado em:* 22 de maio de 2023

*Publicado em:* 25 de junho de 2023